

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Janaína Alves de Oliveira Serejo¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Claudionor Alves da Silva²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Neste trabalho, temos como foco o desenvolvimento da linguagem escrita pela criança em processo de alfabetização e tem como objetivo discutir, de forma sucinta, acerca da construção e ou desenvolvimento da linguagem escrita pelas crianças. Com o intuito de identificar possíveis dificuldades e limitações em que cada criança se encontra, foram aplicados, em dois momentos, experimentos didáticos com uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental. Nas atividades desenvolvidas, observamos e registramos a maneira como cada uma das crianças reagiu e demonstrou suas habilidades interpretativas e escritas. Nesta experiência, destacamos casos de alunos que não acompanham o nível de desenvolvimento do restante da turma e, com elas, foram aplicadas atividades em um segundo momento que denominamos “intervenção”. A construção deste trabalho se deu com base nos aportes teóricos de Vygostky (2003 e 2010), Luria (2010) e Ferreiro e Teberosky (1999). De acordo com esses experimentos, percebemos que é necessário que o professor conheça o processo evolutivo dos alunos para propor metodologias de trabalho adequadas ao desenvolvimento do grupo e de cada aluno em particular.

Palavras chave: Escrita. Leitura. Processo de alfabetização.

Introdução

Este trabalho se vincula no contexto da continuidade teórica do trabalho intitulado “A construção da escrita pela criança na fase inicial de escolarização” apresentado e publicado no VI Seminário Nacional e II Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional. Portanto, mantivemos o foco do desenvolvimento da linguagem escrita pela criança, porém, avaliando, agora, uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é discutir de forma sucinta acerca da construção e ou desenvolvimento da linguagem escrita pela criança na fase de alfabetização, apontar possíveis desníveis de aprendizados encontrados no local da pesquisa e desenvolver

¹ Discente do Curso de Licenciatura de Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *campus* Vitória da Conquista. E-mail: janainaoserejo@gmail.com

² Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *campus* Vitória da Conquista. E-mail: profclaudionor@yahoo.com.br

momentos de intervenções àqueles alunos que ainda não alcançaram o nível de aprendizado da maioria expressiva da turma.

A proposta desta pesquisa teve a intenção de relatar a experiência e o resultado das observações e realização de atividades de uma turma com 20 alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal de Vitória da Conquista - BA.

A experiência prática aconteceu com o desenvolvimento das seguintes atividades: a) observação: momento destinado à observação da prática docente na turma e o desenvolvimento e interação da criança na relação ensino-aprendizagem; b) diagnóstico: aplicação de atividade elaborada pelos graduandos com a intenção de identificar e fazer levantamento dos níveis alfabéticos encontrados na sala de aula; c) intervenção: momento destinado à aplicação de atividades de intervenção com os alunos que ainda não atingiram o nível alfabético da maioria da turma, objetivando focar, mais especificamente, nas dificuldades encontradas.

A construção deste trabalho se pautou nos estudos teóricos dos autores Vygostky (2003 e 2010), Luria (2010), Ferreiro e Teberosky (1999), Guaresi (2017) e Freire (2017). Seus pressupostos contribuem para a análise da escrita em suas diferentes classificações e estágios que se fizeram presentes na elaboração das atividades aplicadas.

A teoria como base para a prática e observação

O termo “alfabetizar” é definido como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática em suas variações, proporcionando a capacidade de ler, compreender, e escrever textos tendo o ensino-aprendizagem como uma construção.

O aprendizado da escrita na infância faz parte desse processo de alfabetização e o uso da leitura e escrita devem ser considerados como uma prática social. Para melhor compreensão desse desenvolvimento, pode-se dialogar com ideias trazidas por autores ao afirmarem que “a obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito, isto significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p. 29).

O fato de a criança aprender tão rápido o processo da técnica de escrita pode se justificar no fato de que durante os primeiros anos de seu desenvolvimento, antes de ir à escola, a criança já aprendeu e assimilou certo número de técnicas que prepara o caminho

para a escrita, técnicas que a capacitam e que tornaram mais fácil aprender o conceito e a técnica da escrita, capazes até mesmo de desenvolver, por si mesma, técnicas que se assemelham daquilo que chamamos de escrita e capazes de, até mesmo, desempenhar funções semelhantes.

Diante disso, notamos que os autores querem dizer que o aluno não chega vazio na escola. Possui conhecimentos oriundos de sua própria casa e que podem e devem ser explorados e respeitados pelo professor.

Para definir e identificar o processo de construção da leitura e da escrita, entendemos que a criança constrói seu conhecimento em quatro níveis:

- Pré-silábico: momento em que a escrita não tem relação com a emissão da fala. As palavras são representadas por meio de rabiscos, símbolos, números ou pseudoletas e não são percebidos como grandes ou pequenos. As crianças escrevem por meio dessas representações como se soubessem escrever, sem uma preocupação com as propriedades sonoras da escrita.
- Silábica: momento em que a criança descobre a relação fonema-grafema e associa o som à escrita, geralmente às vogais. É a descoberta de que a quantidade de letras com que vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral (FERREIRO, 1994). A criança já aceita palavras com uma ou duas letras. Esse nível representa um grande desenvolvimento da criança.
- Alfabética: momento inicial de formação das sílabas em que a criança escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica, de que para se escrever uma sílaba é necessário apenas uma letra, ainda com o uso de vogais. Nesse nível, a criança já começa a acrescentar letras na primeira sílaba.
- Ortográfica: momento em que a criança passa a seguir regras da ortografia e faz correspondência entre fonemas e grafias. Geralmente elas já conseguem ler e expressar graficamente o que pensa ou fala e passa a compreender a base alfabética da escrita.

Tendo como base essas premissas, elaboramos sequências didáticas consideradas “importantes ferramentas pedagógicas de aprendizado da leitura e da escrita e, mais do que isso, de desenvolvimento do letramento, cuja direção é da prática social para o conteúdo e não o inverso.” (GUARESI, p. 95)

A observação

No primeiro contato com a turma, identificamos que é estabelecida uma relação de respeito entre professor-aluno em que todos estão sempre cumprindo os combinados da turma. Entre uma atividade e outra, os alunos indagam e respondem às perguntas de maneira autônoma e espontânea, mesmo com toda a agitação de uma classe que conta com crianças de 06 e 07 anos de idade.

A professora se mostrou muito participativa e preocupada com o ensino-aprendizagem dos alunos e, no exercício da sua profissão, também realiza atividades diagnósticas e de intervenção para ter noção do avanço do aluno e propor momentos que contribuam nesse processo. Informou que um ponto negativo no andamento das aulas é a falta de apoio das famílias, pois muitos alunos não trazem as tarefas de casa feitas, não têm cuidado com os materiais escolares, não atendem às demandas solicitadas e ao final do ano, ela ainda não conhece os pais de todos, pois a maioria não comparece nas reuniões ou no cotidiano da escola.

Considerando os aspectos citados, podemos compreender que “essa crise do ensino da leitura ficou mais patente à medida que chegavam à escola alunos oriundos de famílias com baixo grau de letramento, que não podiam contar com o ambiente familiar para sua socialização na cultura da escrita.” (RIBEIRO, p. 270)

Portanto, acaba sendo responsabilidade maior, quando não total, do professor a aquisição da linguagem oral e escrita da língua materna. Ainda durante o período da observação pudemos destacar que pouco é trabalhado o lado lúdico. Em nenhum dos três momentos houve contação de histórias, músicas, danças ou atividades que envolvam a psicomotricidade. Claramente há uma ruptura brusca com a educação infantil que pode justificar a falta de motivação nos estudos.

Encontrando o diagnóstico

Com o intuito de identificar as fases e níveis em que os alunos da turma se encontram foram aplicados experimentos didáticos, observando e registrando a maneira como cada criança reagiu diante das propostas feitas.

Os enunciados das questões foram lidos em voz alta, para todos os discentes, e as dúvidas foram esclarecidas conforme as necessidades foram aparecendo. As demais leituras foram realizadas pelos próprios alunos justamente para poder dar a liberdade de interpretação e linha de raciocínio ao desenvolvê-las.

Neste fragmento da pesquisa serão apresentados registros de alunos que se encontram em dois níveis silábicos distintos para servir de aporte comparativo.

A questão número 01 da atividade solicita que os alunos escrevam o nome de cada figura com o propósito de entender o nível de escrita espontânea de cada aluno:

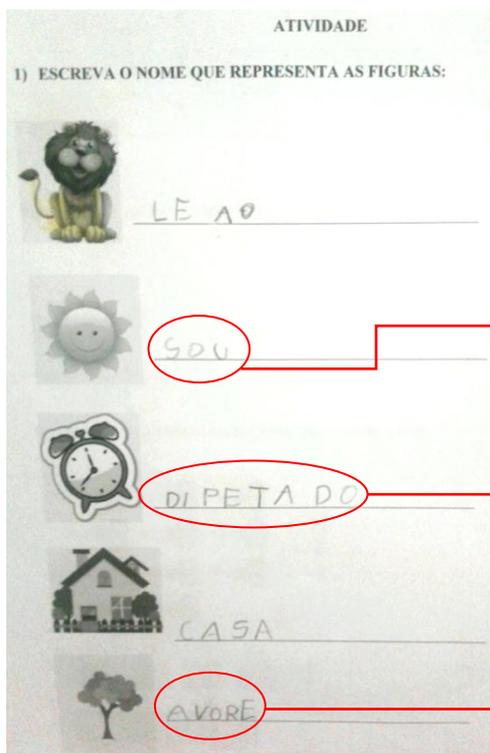


Figura 1- Registro da primeira atividade do Aluno 1

A palavra “SOL”, representada pelas letras “SOU”.

A palavra “RELÓGIO” foi interpretada e escrita como “DIPETADO”.

A palavra “ÁRVORE”, escrita apenas com a ausência da letra “R”.

Neste registro, as palavras não foram escritas de acordo com as normas da língua portuguesa. No entanto, sua escrita apresenta elementos muito próximos do convencional, considerando as letras escolhidas para representar as palavras.

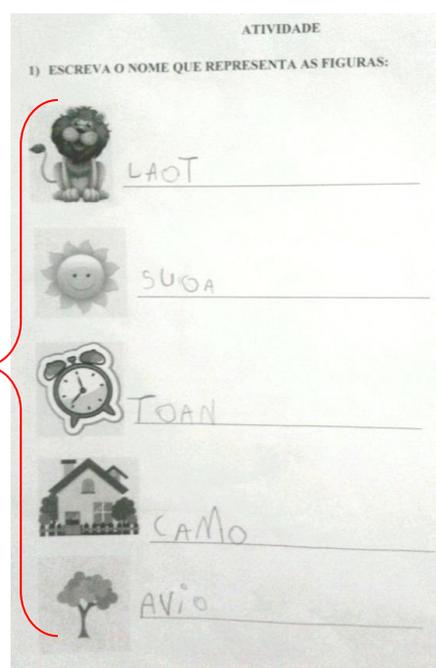


Figura 2 - Registro da primeira atividade do Aluno 2

Na segunda atividade foi solicitada a leitura das palavras seguida de sua representação por meio do desenho. O objetivo, aqui, foi o de identificar a leitura dos alunos e se, por meio do desenho, identificaríamos a relação entre palavra escrita e representação gráfica. Neste momento percebemos uma aproximação entre os dois níveis de alfabetização, conforme constata as figuras abaixo:

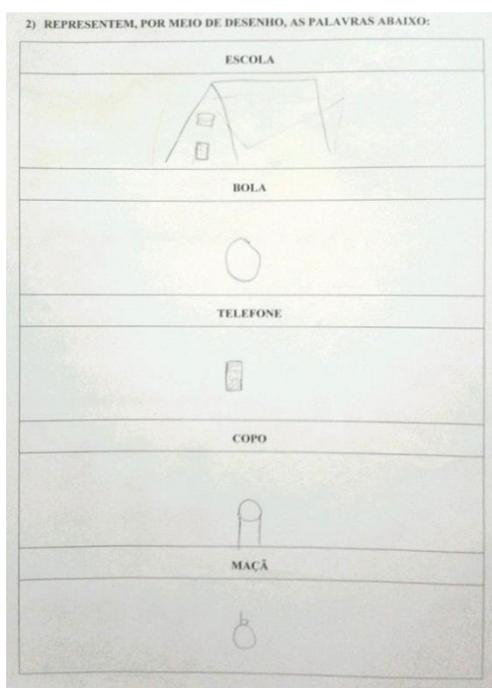


Figura 4 - Registro da segunda atividade do Aluno 1

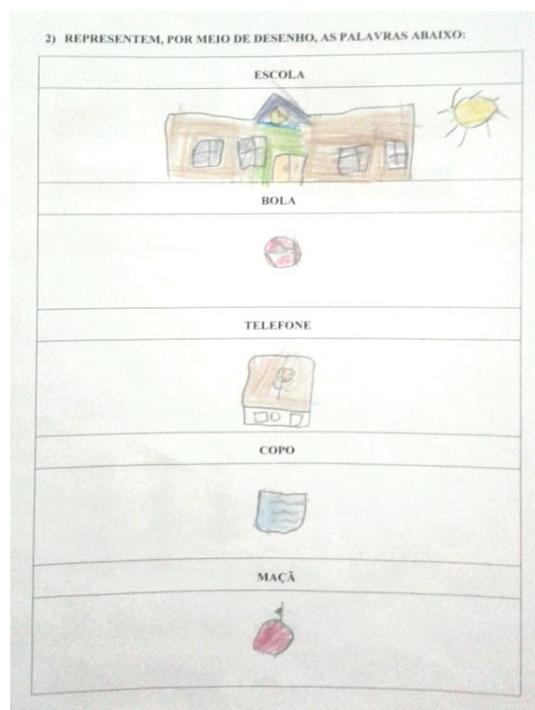


Figura 3 - Registro da segunda atividade do Aluno 2

Na terceira atividade tivemos a intenção de descobrir se a criança consegue diferenciar os sinais e números das letras e a atividade 04 consistiu no ditado das palavras “CAVALO”, “FORMIGA” e “ELEFANTE”. Pensamos nesse momento considerando o ditado como uma estratégia inicial para a escrita.

A última atividade diagnóstica baseou-se na matemática com operações de soma simples, conforme figuras a seguir:

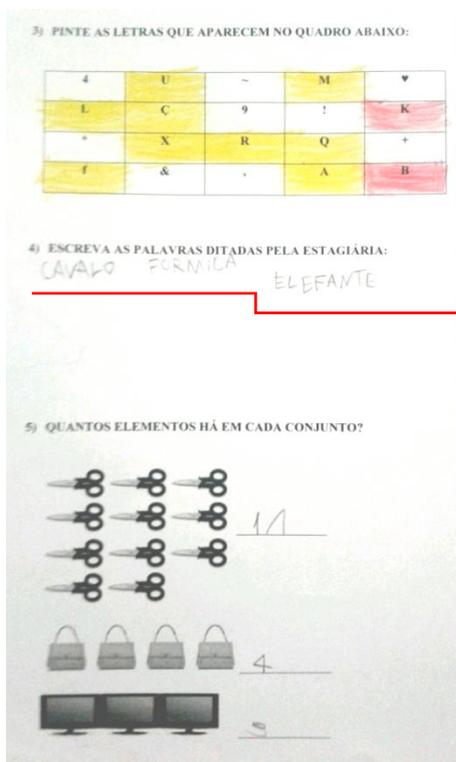


Figura 5 - Registro das terceira, quarta e quinta atividade do Aluno 1

→ Escrita correta das palavras citadas.

Na quarta atividade o Aluno 2 arriscou a escrita das palavras “FORMIGA” e “CAVALO”.

Já a palavra “ELEFANTE” o aluno optou por não fazer, alegando não saber como realizar a escrita.

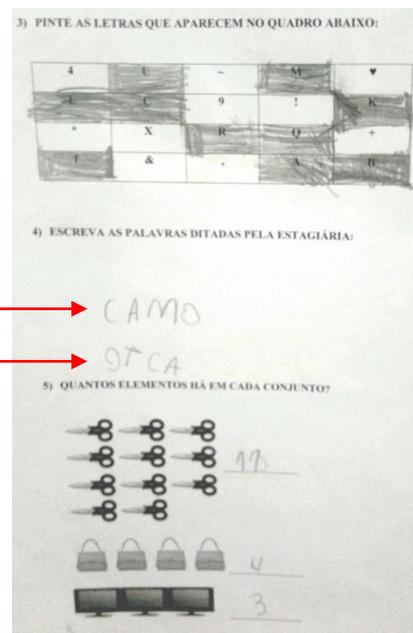


Figura 6 - Registro das terceira, quarta e quinta atividade do Aluno 2

As atividades de matemática foram realizadas corretamente por todos os alunos da turma.

O resultado da aplicação dos experimentos, tendo como base teórica os autores já explanados anteriormente, possibilitou a identificação das fases e níveis propostos por Luria e Ferreiro (1999).

A maioria da turma, exatamente 14 alunos, apresentou elementos que remetem ao nível alfabético descrito por Ferreiro (1999), semelhantes ao resultado visto no Aluno 1. Demonstrou compreensão satisfatória em relação à escrita, apresentou pouquíssimos erros de ortografia e, na maior parte do tempo, se concentrou exclusivamente às propostas. Já vem seguindo as regras ortográficas e fazem correspondência entre fonemas e grafias. Possuem a capacidade de ler e expressar graficamente o que pensam ou falam e compreendem a base alfabética da escrita.

Apesar destes poucos erros ortográficos encontrados nas atividades 1 e 3, conforme figuras demonstradas, podemos afirmar que a maioria expressiva dos alunos encontram-se neste nível alfabético.

Entretanto, como esperado, alguns dos alunos da turma, 06 deles, não manifestaram o mesmo nível de alfabetização dos demais colegas. A escrita estava próxima do correto, conforme pode ser observado nas figuras de registros de atividades do Aluno 2, mas não iguais à maioria. Nas figuras apresentadas podemos perceber a dificuldade na escrita das palavras “RELÓGIO” e “ÁRVORE”, bem como nas ditadas. Ao analisar essas escritas, diagnosticamos essas crianças no nível silábico.

A intervenção

Entendemos as particularidades de cada aluno, mas também a importância de todos os alunos estarem em níveis alfabéticos próximos dentro de uma mesma turma. Nesse sentido, a intervenção foi pensada para aqueles alunos que ainda não se encontram no nível alfabético e sim semelhantes ao nível identificado no Aluno 2, com o grupo de 06 crianças, tornando possível uma aproximação maior dos graduandos e alunos, objetivando a contribuição na aproximação dos mesmos ao nível alfabético.

A primeira proposição solicitou que fossem pintados os quadradinhos de acordo com o número de sílabas do nome de cada figura (girafa, cama e joaninha). Essa atividade visou alcançar dois objetivos: contagem de sílabas e escrita do nome de cada palavra, conforme figuras abaixo:

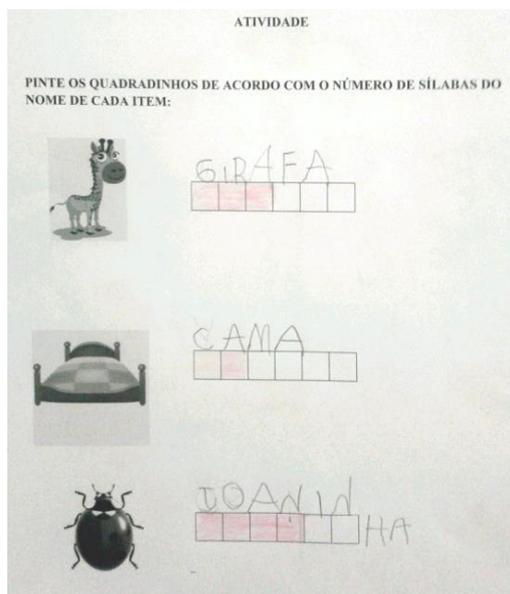


Figura 7 - Registro da atividade de intervenção no Aluno 2

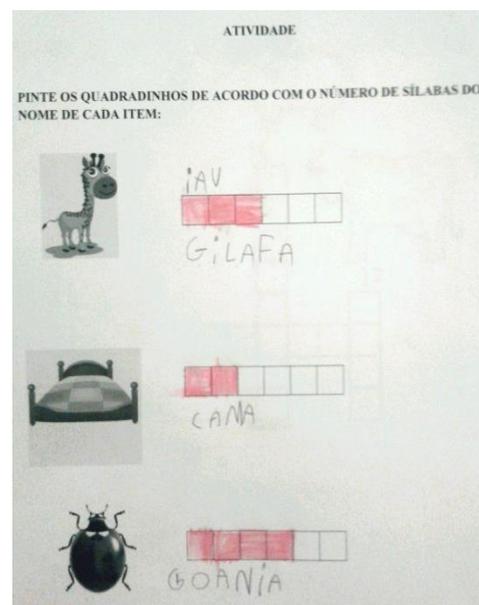


Figura 8 - Registro de atividade de intervenção no Aluno 3

Esta etapa exigiu um acompanhamento mais minucioso e demorado com cada aluno. Inicialmente foi explicado o que são as sílabas e como é possível identificá-las nas palavras com a contagem por meio das palmas (Ex: A palavra girafa tem três sílabas, GI – RA – FA, portanto três palmas são batidas de acordo com as sílabas ditas em voz alta).

Quanto às sílabas, os alunos demonstraram bastante interesse e facilidade na compreensão. Já em relação à escrita, ficaram bastante resistentes alegando não saberem como escrever nenhuma das palavras. O desenvolvimento desta etapa exigiu maior dedicação do pesquisador e aplicador das atividades e todas as escritas das crianças foram descobertas por elas mesmas, principalmente na observação da oralidade pausada de cada figura, ao compreender que

Alfabetizar é ensinar a ler e escrever. [...] o segredo da alfabetização é a leitura (decifração). Escrever é uma decorrência do conhecimento que se tem para ler. Portanto, o ponto principal do trabalho é ensinar o aluno a decifrar a escrita e, em seguida, a aplicar esse conhecimento para produzir sua própria escrita. (CAGLIARI, 1998, p. 104)

É possível observar, por meio das figuras 7 e 8, que nem todas as palavras foram escritas exatamente como exige a língua portuguesa. Mas ressaltamos que este não foi nosso objetivo, e sim, conforme descrito anteriormente, aproximar o nível alfabético da turma como um todo, auxiliando, tão somente, àqueles que apresentaram dificuldade maior.

A segunda atividade de intervenção solicitou que os discentes completassem as palavras com a letra inicial de cada uma, tendo como dica o desenho e as demais letras que formavam as palavras. Foi, então, elaborada pensando na construção de palavras de acordo com os sons das letras.



Figura 9 - Registro de atividade de intervenção no Aluno 2

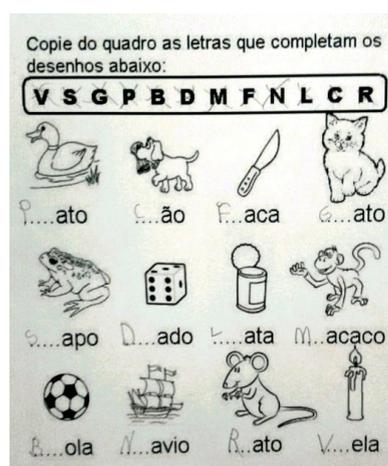


Figura 10 - Registro de atividade de intervenção no Aluno 3

Apesar de parecer um exercício repetitivo e simplista, foi nessa proposta que identificamos as maiores limitações dos alunos. Muitos não sabiam os sons das consoantes ou o nome das letras e o alfabeto em si não era totalmente familiar. Porém, por fim, conseguimos finalizar a proposta com êxito.

Considerações finais

Alguns apontamentos cabem ser registrados acerca desta vivência docente. No momento de aplicação da atividade diagnóstica vivemos o desafio que é realizar propostas em uma sala sem o apoio de monitores, auxiliares ou outro docente. Nessa turma, a professora trabalha sozinha com as 20 crianças e isso sobrecarrega sua jornada de trabalho. Apesar de seu empenho, a docente afirmou que seu trabalho atinge o aluno em curto período e logo acontece a dispersão, o que torna tudo ainda mais difícil.

Considerando esta realidade, trazemos como proposta para identificação dos níveis de aprendizado o desenvolvimento de atividade em subgrupos, realizando atividades de

intervenção para cada nível. Os cantos de atividades, conforme afirmam Dias e Faria (2007, p. 56), “quando organizados de modo a oferecer uma diversidade de materiais, permitem a autonomia na escolha e uma multiplicidade de interações.” e não diferente da teoria, pudemos notar sua eficiência ao realizarmos tal método nesta pesquisa. Além de permitir esses aspectos, o(a) professor(a) tem a oportunidade de trabalhar melhor o conteúdo com o grupo menor, de 3 a 6 alunos, dar melhor atenção nas dúvidas e fazer um acompanhamento de perto sobre o processo de aprendizado individualizado.

Trabalhar com leitura e escrita por meio de momentos lúdicos também pode trazer maior interesse do aluno nessa fase de escolarização, já que entendemos que os sujeitos da pesquisa, crianças de 06 e 07 anos, estão ansiosos pela brincadeira e diversão. A leitura e escrita não devem ser dissociadas dessa fase humana e a ruptura do lúdico, vivido na educação infantil, para o ensino tradicional pode causar um distanciamento no interesse pelas atividades escolares.

O estudo de linhas gerais dos fundamentos teóricos acerca do aprendizado e desenvolvimento da linguagem, de acordo com Vygostky (2003 e 2010), Luria (2010), Ferreiro e Teberosky (1999) proporciona uma compreensão eficaz daquilo que a teoria aborda, auxiliando o desenvolvimento de sua prática por meio desse entendimento.

A elaboração das questões propostas para as crianças foi pensada no provável nível de entendimento de cada uma delas e, também, de maneira que elas tivessem prazer em desenvolvê-las. Em nenhum momento elas se recusaram ao reclamaram do experimento e, no início de cada aplicação, foi perguntado se a criança poderia desenvolvê-las.

Ademais, o experimento desenvolvido proporcionou também o contato do professor em formação (alunos de Pedagogia) com alunos em processo de alfabetização, estreitando as relações e adquirindo experiências significativas para nossa vida profissional desde a elaboração de sequências didáticas até a execução das mesmas, sempre na perspectiva de contribuir positivamente no avanço do aluno, respeitando-o, ainda, na sua plena condição de sujeito em construção.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**. Editora Scipione. Pensamento e Ação no magistério. São Paulo, 1998.

DIAS, Fátima Regina Teixeira de Salles. FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Currículo na educação Infantil**: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica. São Paulo: Scipione, 2007.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GUARESI, Ronei. A inserção do indivíduo nas práticas sociais de leitura e escrita. In: GUARESI, Ronei. *Alfabetização e Letramento: é possível qualificar o ensino de língua materna no Brasil*. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2017. cap. 4, p. 85-96.

LURIA, Alexander. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, Lev.; LURIA, Alexander e LEONTIEV, Alexander. *Linguagem desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Pena Villalobos. São Paulo: Ícone, 2010.

VIGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto, 2003a.

____ L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.